

O ESPAÇO URBANO DE SANTA VITÓRIA (MG) NAS REPRESENTAÇÕES FOTOGRÁFICAS ELABORADAS POR ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Bruno de Freitas¹
Anderson Pereira Portugal²

RESUMO:

O objetivo deste artigo é apresentar os resultados de uma prática pedagógica realizada junto aos alunos da 2ª Série do Ensino Médio de uma Instituição Particular de Ensino localizada no município de Santa Vitória (MG). A atividade realizada teve como propósito possibilitar a representação fotográfica de temas relacionados ao espaço urbano, tais como: comércio urbano, patrimônio histórico, áreas periféricas de baixo poder aquisitivo, áreas periféricas de alto poder aquisitivo e problemas ambientais urbanos. Além disto, a atividade propôs a análise e compreensão das fotografias apresentadas, visto que estas não foram trabalhadas de forma puramente objetiva, mas sim a partir de conteúdos que evidenciam as múltiplas relações ambientais contemporâneas no espaço. Do ponto de vista metodológico, foi utilizado referencial teórico para a elaboração da referida atividade e realização de um levantamento fotográfico prévio que norteasse os alunos em suas próprias produções fotográficas. Foi possível constatar no decorrer da realização da atividade a participação efetiva dos estudantes nas atividades propostas. Geradas as fotografias, os discentes realizaram exposições, e discussões no âmbito da escola.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas, Fotografia, Representações Espaciais.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar os resultados obtidos por meio da aplicação de uma prática pedagógica realizada com alunos da 2ª Série do Ensino Médio de uma Instituição Particular de Ensino localizada no município de Santa Vitória, MG. O referido município acha-se localizado na Mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, no Estado de Minas Gerais. Sua área é de 3.001 km² e de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Santa Vitória possuía em 2010, uma população de 18.138 habitantes.

A atividade realizada teve como propósito estimular a criticidade dos alunos da Rede Básica de Ensino, por meio da representação fotográfica de temas relacionados ao espaço urbano, tais como: comércio urbano, patrimônio histórico, áreas periféricas de alto e baixo poder aquisitivo, e problemas ambientais urbanos.

¹ Graduado pelo Curso de Geografia da FACIP/UFU. E-mail: nunimfreitas@hotmail.com

² Professor Doutor do Curso de Geografia da FACIP/UFU e Professor do Programa de Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos da UEC. E-mail: anderson@pontal.ufu.br

Além disso, a atividade propôs a análise e compreensão das fotografias apresentadas, visto que estas não foram trabalhadas de forma puramente objetiva, mas a partir de conteúdos que evidenciam as múltiplas relações socioespaciais contemporâneas. Do ponto de vista metodológico, foi utilizado referencial teórico para a elaboração da referida atividade e um levantamento fotográfico dos acervos pessoais dos executores desta prática, com o propósito de nortear os alunos da Rede Básica de Ensino em suas próprias produções fotográficas³.

Propôs-se *a priori* a realização de uma pesquisa com alunos do Ensino Médio. Sobre a relevância do que abordar e como abordar, Cavalcanti (2011, p. 83) afirmou que é necessário fazer uma “(...) reflexão sobre o que ensinar em Geografia, tendo em vista a sociedade contemporânea e suas demandas (...) que se tem em aproximar o ensino dessa matéria às demandas formativas da sociedade, em permanente e acelerada transformação”.

Neste sentido, foi criado o objetivo geral da atividade realizada que consistia na utilização da fotografia relacionada ao Ensino de Geografia, bem como a representação e interpretação espacial por meio deste recurso didático. Esperou-se que a utilização das imagens possibilitasse a representação espacial de inúmeros temas relacionados ao espaço urbano, bem como a sua posterior compreensão. Ressalta-se que foram trabalhadas percepções espaciais a partir dos gostos de cada indivíduo para a realização destas atividades, bem como a representação espacial em diferentes escalas, de forma crítica e reflexiva.

Para dar-se início à realização das atividades, apresentou-se aos alunos imagens com representações urbanas de cidades como: Paraty, RJ; Rio de Janeiro, RJ; Curitiba, PR; Paranaguá, PR; Pirenópolis, GO; Goiânia, GO; Brasília, DF; Dourados, MS; Tangará da Serra, MT; Chapada dos Guimarães, MT; Uberlândia, MG; Araguari, MG; Ituiutaba, MG; Pedro Juan Caballero, Paraguai; dentre outras. A criação deste material foi necessária para servir de referências, norteadando assim os alunos na execução do trabalho a ser realizado.

De acordo com as ideias apresentadas, os alunos definiram os temas que seriam trabalhados de acordo com suas preferências e/ou afinidades. Em se tratando de representações urbanas, foram escolhidos temas como: patrimônio histórico, áreas periféricas de alto e baixo poder aquisitivo, problemas ambientais e comércio.

³ Ressalta-se que as atividades produzidas pelos alunos não foram expostas no presente trabalho, para cumprir os acordos firmados entre a Instituição de Ensino e os executores da presente prática pedagógica que consistia em garantir o sigilo e preservação autoral do material produzido pelos alunos.

Esta proposta se justificou por se constituir em uma atividade desvinculada às práticas tradicionais de ensino, podendo ser capaz de fazer com que os alunos participem ativamente na observação, representação, bem como compreensão de inúmeras variáveis presentes no espaço urbano. Considera-se que a realização da atividade possibilitou um maior conhecimento das temáticas trabalhadas pelos alunos, pois foram vistas de uma escala mais ampla e até a escala local, gerando inúmeras discussões críticas no âmbito escolar.

O presente artigo foi organizado da seguinte forma: após esta introdução traz-se uma discussão teórica inerente às possibilidades didáticas direcionadas, fazer pedagógico docente em Geografia, bem como um breve histórico sobre relevância da utilização da fotografia nos estudos do espaço geográfico. O tópico que segue traz os resultados obtidos por meio da realização da presente prática, por parte dos alunos do Ensino Médio. No quarto tópico são apresentadas as considerações dos alunos sobre execução do projeto e, por fim, as considerações finais subsidiaram a redação dos resultados obtidos pela presente pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para Silva (2011), o fazer pedagógico do bom professor vincula-se aos sujeitos envolvidos (professores, alunos e a escola) se constituindo em um conjunto dinâmico. A relação entre quem ensina e aprende deve estimular um permanente diálogo do aluno com os deveres de seu mundo, sua realidade, suas emoções e sonhos e relacioná-los com a visão de uma história e de uma Geografia sem nunca separar os elementos do meio ambiente dos inerentes à sociedade.

De acordo com Carlos e Dias (2012), é possível notar que uma das questões que permeia o ensino da Geografia refere-se à sua função social, no sentido de que essa ciência é capaz de levar o aluno a se sentir parte de uma comunidade, uma classe de um ou vários grupos sociais. Neste sentido, a seleção de conteúdos geográficos deve pautar-se em temáticas de cunho social, uma vez que estes contribuem para a formação do aluno enquanto cidadão.

De acordo com Vesentini (2006), o ensino superior de Geografia possui e sempre possuiu uma dinâmica própria e relativamente independente em sua vertente acadêmica (ao formar licenciados e bacharéis). Isto porque, em geral, sempre se priorizou a formação do futuro bacharel em Geografia. “Mas a carreira docente, com exceção da universitária (...) era e ainda é, em grande parte, vista como algo destinado tão somente àqueles que não têm competência para exercer outras atividades [a de bacharel]” (VESENTINI, 2006, p. 235). Em

função da crescente desvalorização da profissão docente, surgem inúmeros problemas no contexto educacional, a exemplo do comprometimento da qualidade do ensino.

Para Vesentini (2006), esta desvalorização da profissão docente logo na graduação faz com que os futuros professores das escolas da Rede Regular de Ensino, em geral, fossem apenas reprodutores do saber Geográfico, pois não são (como deveriam ser) formados para “aprender a pesquisar, realizar projetos, a dominar técnicas de entrevista, observação, levantamento bibliográfico, trabalho em laboratórios, etc.” (VESENTINI, 2006, p. 239). Neste sentido, entende que o geógrafo deve ter uma formação completa, estando apto a exercer a docência e também atividades como análise ambiental, planejamento e outros.

Em se tratando do ensino na Educação Básica, entende-se que deva estar regendo no contexto educacional um modelo educativo que contribua para a formulação da construção do conhecimento reflexivo por parte dos professores e alunos da Rede Básica de Ensino. As novas abordagens em relação à concepção de formação como um processo permanente, devem ser marcadas por meio da capacidade reflexiva, crítica e criativa, conferindo ao professor autonomia didático-pedagógica no exercício da profissão.

Uma das possibilidades de se incentivar esta criticidade e melhoria no ensino se dá por meio da utilização de recursos didáticos. Isto porque, para Pontuschka *et al* (2009), as linguagens constituem em recursos didáticos que necessitam ser utilizados no mundo contemporâneo, seja na instituição escolar, seja em outros caminhos ou lugares, porque por meio delas, os horizontes do conhecimento se abrem para jovens, professores e cidadãos.

Reforça-se que estes recursos devem ser utilizados na condição de mediadores do processo de ensino aprendizagem em diferentes níveis e há de ter a preocupação para a sua seleção e utilização, além da adoção de alguns critérios, tais como a adequação aos objetivos propostos, aos conceitos e conteúdos a serem trabalhados. Quando se pensa na utilização destes recursos de forma sistematizada, os mesmos permitem melhor aproveitamento no processo educativo, maior participação e interação aluno-aluno e professor-aluno.

Pontuschka *et al* (2009) afirmaram que a utilização da imagem no ensino de Geografia, por muito tempo foi utilizada enquanto mera ilustração. Mesmo que no passado inúmeros autores tenham integrado as figuras aos conteúdos textuais, pode-se observar que as imagens e/ou fotografias são utilizadas no espaço escolar como complementação de texto ou recurso de onde é possível extrair informações e articulação do conteúdo da escrita. Neste sentido, percebeu-se que seja necessário explorar o recurso imagético com maior criticidade.

Defende-se que há a necessidade de explorá-las e para isso é necessário observá-las, interpretá-las e pensá-las enquanto formas de entendimento de mundo. A utilização deste recurso não deve constituir meramente na apresentação da imagem, pois além da contextualização e interpretações das mesmas é importante que “ao se interpretar a fotografia é necessário entender o porquê e para quê as imagens foram construídas, tal percepção auxilia na compreensão dos conteúdos das imagens” (SCHNELL, s.d, p.9).

Além disso, para a elaboração da prática ora relatada, levou-se em consideração algumas recomendações das Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências Humanas e Suas Tecnologias (2006). O referido documento recomenda que além da contextualização das imagens é interessante trabalhar com as categorias geográficas para um melhor aprendizado que nesta prática foi trabalhada a categoria espaço:

(...) o ensino da Geografia deve fundamentar-se em um corpo teórico-metodológico baseado nos conceitos de natureza, paisagem, espaço, território, região, rede, lugar e ambiente, incorporando também dimensões de análise que contemplam tempo, cultura, sociedade, poder e relações econômicas e sociais e tendo como referência os pressupostos da Geografia como ciência que estuda as formas, os processos, as dinâmicas dos fenômenos que se desenvolvem por meio das relações entre a sociedade e a natureza, constituindo o espaço geográfico (BRASIL, 2006, p. 43).

De acordo com Antunes (2005), para o ensino satisfatório em Geografia é necessário conhecer, compreender, interpretar, analisar, relacionar, comparar e sintetizar dados, fatos e situações do cotidiano. Portanto, é preciso que o professor:

Ao trabalhar com os conceitos cartográficos e geográficos, tendo como interface as categorias de espaço e tempo, temos de incorporar outros componentes que servirão de referências curriculares para o ensino médio, ou seja, admitir a diversidade de fontes e de linguagens, valorizando as leituras objetivas e subjetivas do mundo. Essas linguagens (cartográfica, textual, corporal e cênica, iconográfica e oral) servirão de apoio para as aulas de Geografia, ou seja, são um instrumento mais adequado para fazer a leitura do meio geográfico e de seu uso, o que supõe o exercício da interdisciplinaridade (BRASIL, 2006, p.50).

Para tanto, o professor deve adotar materiais diversificados. Castellar e Vilhena (2010) sugerem que sejam trabalhadas as concepções sobre os conteúdos científicos, a observação dos lugares e análise sobre eles; o jornal como documento histórico, histórias em quadrinhos (e até mesmo a própria produção de história em quadrinhos), porém de forma sistematizada e lógica; o uso de imagens e fotografias como documentos; leitura de imagens, videotecnologias, leitura de mapas, dentre outras inúmeras possibilidades.

Neste sentido, optou-se por trabalhar em específico o recurso fotográfico, bem como suas múltiplas leituras e interpretações. Schnell (s.d) afirmou que para muitos, associar fotografias ao ensino e aprendizagem de um determinado conteúdo é algo bem distante, visto que a relação entre esse possível objeto de trabalho aliado a conteúdos científicos é dada como supérflua. Em contrapartida, defende que o recurso fotográfico quando destinado ao ensino e aprendizagem dos conteúdos de Geografia, se faz como método eficiente, prático e de forte ligação com as inúmeras possibilidades de trabalho para o professor.

Nesse contexto, Castellar e Vilhena (2010) explicam que as iniciativas do professor não devem ficar restritas a um tipo de linguagem e o uso da imagem é considerado o ponto de partida para a análise de inúmeras variáveis que podem ser trabalhadas em Geografia. Entretanto, as fotografias devem estar associadas ao conteúdo, para que o aluno se motive a fazer observações, levantar hipóteses, contribuindo para sua formação enquanto cidadão.

2.1 A Fotografia

Ao se pensar na utilização da fotografia enquanto recurso didático com os alunos da Rede Básica de Ensino é necessário entender questões que permeiam o próprio entendimento histórico que possibilitou a popularização deste recurso. Para Kossoy (2001), as revoluções tecnológicas, em específico a Revolução Industrial, possibilitou um expressivo crescimento das ciências, em função das mudanças de câmbio econômico, social, cultural, enfim, uma série de invenções que viram decidir os novos rumos da sociedade moderna, inclusive o da invenção da fotografia.

O processo de produção industrial contribuiu diretamente para o aumento da demanda de registros fotográficos. Neste sentido, Fabris (2008) afirmou que na medida em que estabelece uma amplitude entre os ritmos de produção de imagens, consequentemente ocasiona a maior produção de imagens. Isto fez com que houvesse a necessidade de se rever as técnicas, uma vez que a produção de imagens passa a se dar de forma sistematizada, com maior precisão, rapidez de execução, baixo custo e reprodutividade.

Neste sentido, é relevante considerar que a fotografia constituiu em uma das invenções deste contexto que vieram contribuir decisivamente à construção do conhecimento científico, bem como uma forma de expressão artística. Além dos usos da fotografia ora citado, é interessante frisar que ao longo do tempo, este recurso foi tomando papel de documento,

justamente por ser capaz de registrar momentos, situações que podem ser comprovadas por meio de seus registros.

Do ponto de vista técnico, é possível afirmar que a fotografia é constituída de três elementos básicos: o assunto, o fotógrafo e a tecnologia. A fotografia é resultante da ação do homem (*o fotógrafo*), que optou por representar um *assunto* em um determinado tempo e espaço, por meio dos recursos oferecidos pela *tecnologia*, os quais componentes interligados dão origem ao processo da materialização da imagem (KOSSOY, 2001).

Na atualidade são inúmeros os tipos de fotografias existentes que de acordo com Kossoy (2001), Fabris (2008), Justiano (2009), Portuguese (2012) e Schnell (s.d) podem ser fotografias e/ou imagens objetivas, tremidas, em movimento, históricas, artísticas, publicitárias, oficiais, arquitetônicas, fotojornalismo, amadoras, fotomontagens, possuírem texturas, serem bidimensionais e tridimensionais.

Neste sentido, as fotografias além de conseguirem passar uma imagem, podem ter sido realizadas por objetivos sociológicos, subjetivos, ideológicos, podendo causar distintas percepções acerca da mesma imagem por meio da relação espectador-imagem/imagem-espectador (AUMONT, 1993).

De acordo com Portuguese (2012), a utilização das fotografias é relevante, em específico nas Ciências Humanas, bem como suas aplicabilidades nos estudos geográficos. Neste sentido:

As fotos falam por si só; são textos de extrema erudição, ricos em contrastes, escalas, cores, luzes, sombras, expressões estéticas e inclusive revelam vez por outra, sentimentos topofílicos. Têm a propriedade de perpetuar em imagem, alguns importantes fragmentos da vida coletiva em seu sentido mais amplo. Uma imagem é capaz de liberar os pesquisadores da racionalidade tradicional e fria, para falar de outras coisas: de beleza, de afeto, de alguma percepção pessoal, ou seja, das interpretações que se faz do mundo a partir daquilo que se vê através das lentes de uma câmera (PORTUGUEZ, 2012, p. 13).

Corroborando nesta discussão, Justiano (2009) afirmou que:

Em Geografia, a imagem ilustra e documenta eventos naturais e sociais que ocorrem num determinado tempo e lugar e devem ser acompanhada de outras informações, como localização geográfica, ângulo de visada, registro da hora e da data e relato do fato observado (JUSTIANO, 2009, p. 187).

As imagens produzidas pelos alunos se baseavam nas fotografias digitais, pois foram tiradas dos próprios celulares dos mesmos e máquinas digitais. A utilização desta técnica é explicada por Portuguese (2012), quando afirma que as fotografias digitais são armazenadas

em memórias magnéticas ou virtuais, possibilitam o arquivamento de um grande número de imagens, o que outrora exigia arquivos físicos que ocupavam espaço, geravam custos altos.

Com o objetivo de instigar a criticidade dos alunos, foi incentivado que os mesmos fossem autores de suas próprias fotografias relacionadas às expressões do espaço urbano. Por isso que se foi pensado na importância deste recurso didático no ambiente escolar. Neste sentido Possamai (2008) afirmou que:

Como objeto do fazer fotográfico, a temática da cidade passou por diferentes visões, marcadas não apenas pela evolução dos procedimentos técnicos colocados à disposição dos fotógrafos, mas também por modificações operadas tanto no mundo material da cidade, como nas ideias e imaginários de diversas épocas (Possamai, 2008, p. 69-70).

Para tanto, é interessante entender do que se trata o espaço urbano na contemporaneidade. Em âmbito geral, partiu-se do princípio de que o espaço se torna palco de processos sociais complexos, dentre eles, o processo de urbanização que resulta na materialização concreta das cidades no espaço. Santos (1985) considera que em função de suas relações, os elementos do espaço formam um sistema comandado pelo modo de produção dominante nas suas manifestações à escala do espaço em questão.

Em relação ao espaço urbano, Corrêa (2005) afirma que o mesmo é simultaneamente fragmentado e articulado por relações com outros espaços. Esta relação também se dá a partir dos fluxos com intuitos comerciais, pelos deslocamentos aos locais de trabalho e com menos frequência para as compras no centro da cidade e busca pelo lazer. O mesmo autor explica que o espaço da cidade capitalista é composto por áreas residenciais segregadas, reflexo da estrutura social de classes advindas das cidades medievais.

Enfim, é necessário entender que as estruturas urbanas, bem como o espaço urbano não são estanques, pois passam por constantes processos de transformações, de acordo com os interesses de seus agentes. Por estes motivos que se optou em trabalhar a temática “espaço urbano” concomitante às produções fotográficas dos alunos da Rede Básica, justamente por entender que estas questões podem ser tratadas de forma dinâmica, instigando a criticidade dos alunos. O tópico que segue traz os resultados obtidos pela realização da prática realizada.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O tema comércio urbano foi representado por meio de fotografias obtidas na internet da cidade de São Paulo, SP e por meio de registros fotográficos realizados diretamente em áreas comerciais de onde os alunos residem. Iniciaram apresentando imagens do comércio na

Avenida 25 de Março, Brás, Oscar Freire, fazendo um comparativo com a cidade em que residem. Os mesmos conseguiram articular as informações satisfatoriamente, pois alguns estudantes já conheciam estes locais.

Os alunos perceberam que o comércio de Santa Vitória é diversificado, pois há empreendimentos voltados para um público mais elitizado e até mesmo às camadas de baixa renda. Perceberam que diferentemente de São Paulo, na cidade em que residem existem uma quantidade bem mais reduzida de estabelecimentos diferenciados, pois reconhecem que São Paulo é uma cidade muito maior e mais desenvolvida.

Outro grupo a se apresentar referia ao tema: patrimônio histórico. Os integrantes iniciaram expondo que os monumentos históricos não só podem ser uma atração turística, como cultural, pois pode contar a história da cidade, região e país. Muitas cidades preservaram seus patrimônios, tornando-os grandes atrativos turísticos, o que pode trazer renda para a cidade. Apresentaram fotografias obtidas na internet de Ouro Preto, MG e Salvador, BA, citaram que estas cidades têm sua grande atração turística nos monumentos arquitetônicos que fazem parte da história não só da cidade, mas também do país.

Trazendo para o contexto local, afirmaram que nem todos os municípios preservaram as antigas construções, como exemplo da cidade em que residem, onde puderam encontrar poucas edificações históricas que com o passar do tempo estão sendo destruídas ou passando por reformas modernizadoras. Alegaram que a única construção de Santa Vitória que foi preservada foi a Capela Nossa Senhora das Vitórias e, apesar disso, não foi mantida sua imagem original.

Além desta afirmação, teceram considerações acerca da necessidade de resignificação do patrimônio de Santa Vitória, visto que as poucas construções antigas ainda existentes são demolidas para ceder espaço às construções modernas e quando são tombadas não são utilizadas como deveriam ser. Tornam-se apenas construções antigas sem funcionalidades, implicando apenas em gastos sem retorno para a sociedade.

O grupo que trabalhou o tema áreas periféricas de baixo poder aquisitivo, utilizou imagens obtidas na internet que mostram áreas de ocupação irregular da cidade do Rio de Janeiro, RJ. Discutiram que uma das grandes causas para a formação destas áreas se deveu ao processo de êxodo rural que fez com que grande parte da população saísse do campo rumo à cidade em função da mecanização do campo, dando origem assim a estas áreas nas cidades.

Apresentaram fotografias de Santa Vitória, MG que mostram domicílios sem infraestrutura e compararam às áreas periféricas da metrópole previamente estudada (Rio de

Janeiro). Consideraram que nesta última cidade, as condições de infraestrutura são bem piores do que às existentes na cidade onde residem. Além disso, apresentaram alguns dos principais problemas que são presentes nestes lugares: pobreza, falta de acesso à educação, saúde, infraestrutura, falta de segurança pública, presença de tráfico de drogas, exclusão social.

Entretanto, os executores da ação ora relatada ressaltaram que não se pode generalizar, pois mesmo se tratando de uma área com condições precárias de habitação, ainda assim existem inúmeros indivíduos que não estão associados à criminalidade, conforme imaginado por grande parte da população. Os alunos concordaram e acrescentaram que o Poder Público deve preocupar-se em inserir a população para a mesma ter acesso aos serviços básicos urbanos, com qualidade e se possível, remanejar estes habitantes da área de risco, fornecendo aos mesmos conjuntos habitacionais com maior segurança.

Sobre o tema áreas periféricas de alto poder aquisitivo, os alunos encontraram dificuldades para representar fotograficamente esta variável a partir da cidade onde residem. Consideraram que a cidade não possui áreas com grande padrão econômico, pois se utilizaram referências de condomínios de luxo nas cidades de Uberlândia, MG e Goiânia, GO.

Afirmaram que as áreas destas últimas duas cidades são locais de habitação destinados a pessoas com elevada renda. Diferem-se das apresentadas pelo grupo anterior. No entendimento dos alunos, estas áreas são onde concentram os moradores mais ricos que em geral detêm poder político e econômico para possuir grandes espaços com elevados índices de arborização, o que assegura melhor conforto ambiental para os moradores. Em geral, são lugares mais afastados do centro comercial, justamente para minimizar os problemas oriundos dos congestionamentos, poluição sonora e visual.

Além disso, apresentaram fotografias das áreas da cidade de Santa Vitória que consideraram com os maiores índices de qualidade das moradias do ponto de vista infraestrutural. Ressaltaram que não se comparam aos condomínios de luxo conhecidos pelos alunos presentes nas cidades de Uberlândia e Goiânia, mas no contexto local do município são as melhores áreas (relacionadas à infraestrutura) existentes na cidade estudada.

O grupo que trabalhou o tema problemas ambientais urbanos, afirmou que muitos dos temas tratados pelos grupos antecedentes também podem ser considerados como questões que ameaçam a qualidade ambiental da cidade em que vivem. Porém, enfocaram na discussão dos problemas mais representativos na contemporaneidade, a exemplo da poluição do ar, poluição das águas, aumento da quantidade de resíduos sólidos, erosão no espaço urbano, enchentes, desmatamentos, poluição sonora e visual.

Apresentam fotografias do Córrego dos Bois que drena parte do perímetro urbano de Santa Vitória, explicando que se este córrego receber poluentes (esgoto e agrotóxicos) pode resultar em problemas ambientais, pois se os moradores tomarem banho e/ou ingerirem água e/ou os peixes contaminados, podem adoecer.

Com se vê, teceram discussões além da interpretação das fotografias, alegando que verificaram a existência de catadores no lixão da cidade em que residem. O descarte inadequado de lixo compromete a saúde destes indivíduos e dos moradores das imediações. Verificaram que na cidade existem pontos críticos de erosão, enchentes e desmatamentos.

Os executores da atividade ora relatada, alegaram que grande quantidade de lixo produzido nos centros urbanos não passa por nenhum tratamento e em geral vão para aterros ou depósitos a céu aberto, gerando grandes impactos sociais e ambientais. O solo, as coberturas vegetais e os recursos hídricos ficam comprometidos e, além disso, nesta paisagem existem indivíduos que sobrevivem dos restos de alimentos e outros resíduos.

De acordo com os problemas identificados na cidade em que residem, os alunos perceberam que devem ter uma maior preocupação que vá além da identificação destes problemas, mas sim no cuidado e resolução dos mesmos, o que exige uma ação coordenada da população juntamente com o Poder Público.

4 CONSIDERAÇÕES DOS ALUNOS ACERCA DA ATIVIDADE REALIZADA

Foi aplicado um questionário do projeto executado a partir da entrega de ficha para os alunos⁴ de Educação Básica que fizeram considerações sobre a execução da atividade. Foi questionado se os mesmos encontraram dificuldades durante todo o processo de elaboração e apresentação da prática pedagógica proposta.

Os alunos que apresentaram não encontrar dificuldades alegaram que este fato se deveu pelos temas remeterem às experiências vividas em seus cotidianos: *“pois o tema do nosso grupo era um assunto que a conheço e a gente vive no dia a dia”* (Tulipa, 2012), *“porque o tema é fácil para pesquisar, além de que algumas informações eu já conhecia por ter presenciado”* (Angélica, 2012) *“meu tema é amplamente discutido, facilitando a transmissão do mesmo”* (Margarida, 2012).

Antunes (2005) explicou a necessidade de um professor trazer um tema estudado em Geografia para o contexto do aluno. Isto porque, deve fazer com que estes indivíduos se

⁴ Objetivando preservar a identidade dos sujeitos de pesquisa, os mesmos foram identificados por codinomes relativos à flores. As respostas dos alunos acerca da prática realizada foram destacadas no texto em itálico.

sintam no espaço e no tempo que está sendo estudado, pois só com esta a contextualização e aproximação à realidade do aluno, o ensino é capaz de promover significações que permitem uma construção crítica do conhecimento.

De acordo com Pontuschka et al (2009), a Geografia pode embasar-se na experiência dos alunos no interior de seu grupo social e desenvolver uma prática pedagógica que pode partir da realidade local e leve em consideração as especificidades existentes no interior da escola. Com isto, esta ciência pode estudar os problemas e possibilidades dessa realidade, possibilitando a compreensão da relação entre seus elementos, por meio do conhecimento das especificidades existentes no contexto escolar.

Em geral, a atividade realizada se deu de forma satisfatória. No entanto, os alunos da Rede Básica de Ensino apresentam os principais problemas encontrados durante a realização do trabalho: *“faltar fotos antigas de nossa cidade, pois nosso grupo procurou na Prefeitura e não tinham uma quantidade significativa”* (Girassol, 2012). E por *“Santa Vitória não ter áreas periféricas de alto poder aquisitivo”* (Narciso, 2012).

As dificuldades encontradas são explicadas pela própria execução dos temas, sendo que no primeiro se deveu à cidade não ter uma preocupação significativa acerca da resignificação do patrimônio. Já o segundo caso se justifica por se tratar de uma pequena cidade, realmente não possui áreas de alto poder aquisitivo, conforme as utilizadas como referência pelo grupo.

Além disso, foi questionado se o tema trabalhado trouxe alguma contribuição para melhor compreensão das questões abordadas e consideraram que: *“contribuiu muito, pois com o uso de imagens foi possível uma melhor assimilação, já que estas exemplificam o assunto abordado”* (Jasmim, 2012). *“as fotos e exemplos das fotografias no município exemplificaram e aproximaram o assunto com nossa realidade”* (Angélica, 2012) *“utilização de slides, com vários tipos de fotos de situações e problemas que acontecem no espaço, fez com que facilitasse a compreensão do tema trabalhado”* (Tulipa, 2012).

Schnell (s.d) explicou que as imagens/fotografias conseguem muito bem expressar o papel social empregado, seja de identificar mudanças temporais no espaço ou fazer com que o aluno construa um conhecimento que seja dele, não sendo ditado diretamente pelo sistema educacional. Corrêa (2007) ressaltou que o fazer artístico instaura a cada indivíduo uma forma de enxergar e expressar cada realidade. Portanto o indivíduo busca captar e configurar as realidades que o cercam, na tentativa de uma compreensão de vida, de si próprio e do mundo.

Contribuições no âmbito de que as práticas de ensino que exteriorizaram os limites da sala de aula foram percebidas a partir dos seguintes depoimentos: *“este trabalho aumentou meus conhecimentos sobre o tema, pois tive que pesquisar e ir aos lugares tirar as fotos”* (Antúrio, 2012) *“a pesquisa ajudou que compreendesse mais sobre o tema”* (Tulipa, 2012).

Analisando estes depoimentos foi possível perceber que o contato do aluno com o seu objeto de estudo (por meio das saídas de campo) foi de grande relevância para a compreensão do conteúdo teórico exposto em sala de aula. Pois estas interações os fizeram perceber como de fato ocorrem estes processos socioespaciais e sua dinâmica, constituindo-se em uma ferramenta importante de contextualização do ensino fora da sala de aula.

Além disso, foi percebido que os alunos consideraram que a atividade *“foi boa, pois permitiu a ampliação dos conhecimentos”* (Jasmim, 2012). *“muito boa, pois cada um aprendeu um pouco de cada tema”* (Angélica, 2012), *“muito interessante, pois este tipo de trabalho é legal de fazer e permite que se possa adquirir muito conhecimento com outros grupos”* (Lírio, 2012).

Foi percebido na realização das atividades que os processos de aprendizagem foram produzidos pela interação social, ou seja, nas relações estabelecidas no ambiente de convívio dos alunos, por meio das trocas entre eles e outros sujeitos sociais. Para Freitas e Pereira (2007) é na troca com outros sujeitos e consigo próprio que se vão internalizando conhecimentos, papéis e funções sociais, o que permite a formação de conhecimentos e da própria consciência, pois o sujeito não é passivo, mas sim ativo.

Foi detectado que os alunos conseguiram relacionar a atividade realizada em diversas escalas geográficas: *“foi uma forma mais fácil de entender os problemas que acontece na nossa sociedade, aumentando nossos conhecimentos, sobre assuntos já conhecidos aqui e em outros lugares”* (Tulipa, 2012). *“muito boa, pois aprendi sobre uma realidade que está tão perto, que acontece na nossa cidade e em outros lugares”* (Antúrio, 2012).

Esta ação se pautou em função da relevância de que *“ler os fenômenos geográficos em diferentes escalas permite ao aluno uma leitura mais clara do seu cotidiano. Dessa maneira, ele entenderá a realidade, poderá comparar vários lugares e notar as semelhanças e diferenças que há entre eles”* (BRASIL, 2006, p.51).

Este foi um dos objetivos pensados na elaboração da presente atividade, por isto foi solicitado que os alunos primeiro buscassem e conhecessem os temas e suas relações a partir de uma escala mais abrangente e, posteriormente, pesquisassem estes mesmos aspectos em seus cotidianos, analisando-os no local onde vivem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível afirmar que os objetivos propostos foram atingidos por meio das metodologias de ensino adotadas. Observou-se que as mesmas foram capazes de fazer com que os alunos da Educação Básica despertassem interesse durante toda a realização da atividade. Constatou-se que este empenho, em partes, se deve por não se tratar de uma atividade que está vinculada às práticas tradicionais de ensino.

Isto porque, foi apresentada a possibilidade de os alunos trabalharem diversos temas urbanos por meio da prática de campo e representação de fotografias, entretanto, analisando as relações socioespaciais de forma dinâmica. A representação destes temas por meio da fotografia possibilitou a expressão e estimulação dos sentimentos, criatividade, contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem.

Grandes contribuições se devem em função da atividade ter sido capaz de fazer com que os alunos relacionassem os temas trabalhados entre as diversas escalas (local, regional, nacional e/ou global), o que é uma dificuldade no ensino de Geografia. A partir do conhecimento de temáticas, que às vezes se mostravam distantes dos alunos, fez-se com que os mesmos percebessem que há a existência destas relações no próprio lugar onde vivem. Assim, o conteúdo exposto foi levado ao contexto do aluno.

Entretanto, tanto na parte teórica trabalhada em sala de aula, quanto nas representações espaciais realizadas por meio das fotografias, as tentativas de integração dos conteúdos a partir das diversas variáveis se tornaram constante. Portanto, buscou-se sempre conciliar teoria com a prática, visto que a união destas constitui na base da construção do conhecimento, pois a teoria é essencial para a fundamentação e análise crítica do conteúdo estudado e das abordagens empíricas realizadas pelos alunos, durante as visitas em campo.

Por fim, concluiu-se que atividade foi capaz de fazer com que os alunos se conhecessem melhor, otimizando as relações dentro da sala de aula, pois o trabalho se deu a partir das interações entre os diversos grupos. Foi-se construindo de forma espontânea o interesse no envolvimento pelo exercício da expressão, que possibilitou a construção do aluno como um cidadão crítico, consciente de seus direitos e deveres.

SANTA VITÓRIA (MG)'S URBAN SPACE IN PHOTOGRAPHIC REPRESENTATIONS PRODUCED BY HIGH SCHOOL STUDENTS

ABSTRACT:

The objective of this paper is presents the teaching practice's results conducted among students of 2nd Series of the School of Education Center of Santa Victoria (MG). The activity carried out aimed to enable the photographic representation of themes related to urban space, such as urban commerce, historical, peripheral areas of low purchasing power, peripheral areas of high purchasing power and urban environmental problems. Moreover, the activity propose photographs presented's analysis and understanding, since these were not worked in a purely objective, but from the contents that show multiple relations in contemporary environmental space. From the methodological point of view, we used the theoretical framework for the compilation of this activity, conducting a prior photographic that guide students in their own photographic productions. It was established in the course of carrying out the activity the effective participation of students in the activities proposed. Generated photographs, the students held exhibitions, and discussions within the school.

Keywords: Pedagogical Practices, Photography, Spaces Representations.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. **A sala de aula de geográfica e história:** Inteligências múltiplas, aprendizagem significativa e competências no dia-a-dia. 4ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2005.
- AUMONT, J. **A Imagem.** 12 ed. Tradução de Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. Campinas, Papirus, 1993. (Coleção Ofício de Arte e Forma).
- BRASIL. **Orientações curriculares para o ensino médio:** Ciências humanas e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.
- CARLOS, L. C.; DIAS, L. C. Ensino de Geografia e estágio supervisionado e possibilidades na formação de professores. In: PORTUGAL, J. F.; CHAIGAR, V. A. M. (Org.) **Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de geografia.** Curitiba, PR: CRV, 2012. p. 213-226.
- CASTELLAR, S. V.; VILHENA, J. **Ensino de Geografia.** São Paulo, SP: Cengage Learning, 2010.
- CAVALCANTI, L. de S. A geografia escolar e a sociedade brasileira contemporânea. In: TONINI, T. M. et al (Org.) **O ensino de Geografia e suas composições curriculares.** Porto Alegre, RS: UFRGS, 2011. p. 77-96
- CORRÊA, A. D. **Entrelaçamentos entre trajetória pessoal e profissional.** In: OLIVEIRA, M.O. de. (Org.). **Arte, Educação e Cultura.** Santa Maria, RS: UFSM, 2007. p. 131-152.
- CORRÊA, R. L. **O espaço urbano.** São Paulo: Ática, 2005.
- FABRIS, A.. A invenção da fotografia: repercussões sociais. In: _____. (Org.). **Fotografia:** usos e funções no século XIX. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. p. 11-38.
- _____. O circuito social da fotografia: estudo de caso I. In: _____. (Org.). **Fotografia:** usos e funções no século XIX. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. p. 39-58.
- FREITAS, N. K.; PEREIRA, J.A. Necessidades educativas especiais, arte, educação e Inclusão. In: **Revista E-Curriculum**, São Paulo, SP, v. 2, n. 2, junho 2007. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/3185/2107>>. Acesso em 07 nov. 2012.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico de 2010:** dados municipais de Ituiutaba. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=315980>>. Acesso em 02 set. de 2013.
- JUSTINIANO, E. F. **Registro Fotográfico.** VENTURI, L. A. B. (Org.). **Praticando Geografia:** técnicas de campo e laboratório em Geografia e análise ambiental. São Paulo: Oficina de Textos: 2009. p. 187-196.
- KOSSOY, B. **Fotografia & História.** 2 ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

PONTUSCHKA, N. N. et al. **Para ensinar a aprender geografia**. 3ª ed. São Paulo, SP: Editora Cortez, 2009.

PORTUGUEZ, A. P. A aplicabilidade das aerofotografias amadoras em estudos geográficos do turismo. In: PORTUGUEZ, A. P. SEABRA, Giovanni. QUEIROZ, QUEIROZ, Odaléia Telles Marcondes Machado. **Turismo, espaço e estratégias de desenvolvimento local**. João Pessoa: UFPB, 2012. 13-29.

POSSAMAI, Z. R.. Fotografia e cidade. **Revista de História, Cultura e Arte: ArtCultura**, v. 10, n. 16, jan-jun. 2008. p. 67-78.

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SILVA, J. L. B. Quais saberes constituem um bom professor de Geografia? In: TONINI, Ivaine Maria; et al (Org.). **O ensino de Geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2011. p. 221-231.

SCHNELL, R. **O uso da Fotografia em Sala de Aula**: Palmeira: espaço urbano, econômico e sociabilidades – a fotografia como fonte para a história-1905 a 1970. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/5-4.pdf>> Acesso em 05 fev. 2013.

VESENTINI, J. W. A formação do professor de Geografia - algumas reflexões. In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A.U. **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006. p.234-240.

Artigo recebido para avaliação em 23/08/2013 e aceito para publicação em 23/09/2013